

# Considerações Históricas Acerca das “Cartas Sobre a Educação da Mocidade” de Ribeiro Sanches (1759)



Pedro de Alcântara Figueira<sup>1</sup>

Uma aula de história? Sem dúvida, e das melhores. História com maiúscula, eis o que faz Ribeiro Sanches. Ribeiro Sanches faz a história ocupar o seu verdadeiro espaço como ciência que registra a transformação, que trata, como é devido, daquilo que foi, que existiu concretamente, mas, certamente por isso mesmo, perdeu a sua validade. Ribeiro Sanches mostra que a educação de que Portugal precisa, agora, isto é, em 1759, não é aquela que se pode chamar de correta, verdadeira, fundada em princípios eternamente certos, mas a educação que as circunstâncias - as “necessidades”, no dizer dele - exigem, e que por ser exigência que resultou de um processo de transformações, deve refletir as necessidades que em Portugal surgiram.

Quem foi Ribeiro Sanches? Em primeiro lugar, ele foi um homem do século dezoito europeu. Que é que isto significa? Significa, antes de mais nada, não que ele tenha nascido, como milhões de outras pessoas, nesse século. Significa, isto sim, que ele nasceu e viveu intensamente uma época em que findava uma forma de civilização e, de suas cinzas, ia se tornando dominante a sociedade capitalista. É este o traço dominante, a característica que releva, sobre qualquer outra, nessa época. Este é o século, como já ficou consagrado, de Voltaire. Mas é, também, o século da *Encyclopédie*. É o século de Diderot, de Buffon, d'Alembert, dos *Economistes* e da Economia Política. É então que os Estados Unidos se formam como nação independente da Inglaterra, depois de uma longa guerra de libertação. Este é o século que termina com um dos maiores acontecimentos que a sociedade humana já vivenciou: a Revolução Francesa.

Mas o século dezoito é sobretudo a época em que se dá uma luta encarniçada pela liquidação de uma classe, velha de alguns séculos, e o nascimento de uma nova classe. Morre,

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

então, definitivamente, a aristocracia, e ocupa o seu lugar a classe dos capitalistas. Acaba uma época histórica e se inicia outra. O efeito talvez mais concreto dessa transformação social foi a invenção da máquina a vapor. Cada evento significativo que marcou a derrocada do mundo aristocrático coincidiu sempre com alguma invenção mecânica, sobretudo relacionada com os instrumentos de trabalho. A com razão chamada Revolução Industrial introduz instrumentos de trabalho, sobretudo a máquina a vapor, com os quais a aristocracia não podia conviver. Façanha científica e tecnológica de alguns indivíduos, não resta a menor dúvida, mas, antes de tudo, forte motivação social marcada pela necessidade de liquidação de uma classe que se contrapunha a todo tipo de inovação que pusesse em risco a sua sobrevivência.

Os registros mais completos da luta que travam uma época em extinção e outra que desabrocha são a monumental *Enciclopédia* de Diderot e d'Alembert, o *Quadro Econômico* de Quesnay e a *Riqueza das Nações* de Adam Smith. Essas, e uma multidão de obras e pensadores, tomam partido pelo mundo novo que nasce. Não há país europeu em que as ideias de inovação não estejam fervilhando. Vamos encontrar, em todos eles, um motivo comum, que é a eliminação das velhas classes. Para atingir tal objetivo nem sempre os caminhos são os mesmos, até porque há países em que as velhas classes estão já em parte enfraquecidas e outros em que elas adquiriram, melhor dizer, readquiriram um poder imenso. Este é o caso, por exemplo, da Espanha e de Portugal.

Interessa-nos, aqui, pois Ribeiro Sanches é português, a situação que se criou em Portugal após o período glorioso em que esta nação apontou os caminhos que vieram a trilhar praticamente todas aquelas nações onde se desenvolveram as forças modernas, ou seja, onde o capitalismo se tornou o polo de atração de todas as inovações.

Uma característica dominante entre quase todos os pensadores que propuseram, então, algum tipo de mudança, era que o monarca encabeçasse o processo de transformação que a sociedade estava a exigir. O esforço por desvincular o monarca da aristocracia dá o tom de boa parte das propostas de mudança.

A figura do "déspota esclarecido", ou seja, aquele que já havia feito algumas reformas e se declarado disposto a se aliar às novas forças, era o que se tinha em mente ao se fazer

qualquer proposta de transformação política e social. O que se pretendia era conquistar a adesão do monarca para reformas consideradas inadiáveis, até porque, segundo esses pensadores, o mundo aristocrático não fazia outra coisa senão contrariar a verdadeira natureza humana. Este uso do poder é uma faceta ao mesmo tempo importante e curiosa dessa história marcada pelo signo da transformação. Transformação que, para Ribeiro Sanches, significa criar “novos homens”.

A história, entendida como um processo de transformação, compreendida como a criação de um mundo novo em substituição a uma forma de vida que perdeu a sua razão de ser, é uma das características mais marcantes do pensamento desse médico português. Pois Ribeiro Sanches, como Quesnay, era médico, e, como este, tratou de reis e rainhas. Ser médico, ou ter abraçado uma qualquer outra profissão, não significava, nessa época, ficar alheio ao processo de transformação social que vivia a Europa. E Ribeiro Sanches foi um médico competentíssimo. Também no terreno da medicina Ribeiro Sanches era um revolucionário. Propugnou sempre pelos métodos mais avançados e estava a par de tudo o que acontecia de novo. Foi um crítico severo da medicina que se praticava sem espírito inovador.

A sua vida é a história de um lutador comprometido com as transformações políticas e sociais. Liga-se, por essa razão, àqueles cujo único propósito era a criação de um mundo verdadeiramente novo. Com pouco mais de vinte anos foge de Portugal para poder propor, em segurança, as mudanças de que necessitava o seu país. Partiu, em suas palavras, para “aprender aquilo que em Portugal não se podia aprender”. Não se sentia seguro num país em que os autos da fé eram o poder que amparava os que consideravam que se vivia no melhor dos mundos possíveis, e condenava à morte ou ao silêncio os que pensavam ser possível um outro mundo. É este panorama que nos permite entender a vida e os escritos de Ribeiro Sanches.

É preciso lembrar que, embora médico, as propostas de mudança que Ribeiro Sanches faz em seus escritos estão, todas elas, perfeitamente fundamentadas na Economia Política. A Economia Política é a ciência social em construção em sua época. Ribeiro Sanches participa ativa e criativamente do processo de luta que faz dela a palavra de ordem de arregimentação das forças sociais emergentes comprometidas com a transformação social e política. Não é

por acaso que as inovações no terreno da produção de riquezas se encontram no centro das preocupações daquele revolucionário. Ribeiro Sanches sabe que as mudanças que propõe dependem da eliminação das antigas formas de trabalho. Os seus escritos são uma prova contundente de que uma sociedade só muda de fato quando abandona os antigos métodos de produção e introduz outros radicalmente diferentes. Assim pensava Ribeiro Sanches e assim tentou convencer, aos que em Portugal haviam demonstrado disposição de derrubar as velhas classes, que o velho edifício social tinha que ser destruído.

Escrevendo sua biografia (*Précis Historique sur la vie de M. Sanchès*), seu amigo, o médico francês Nicolas Andry, dedica-lhe entusiastas elogios. Resumindo a trajetória científica de R. Sanches, escreve Andry:

"Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Conselheiro de Estado da Corte da Rússia, Médico da Universidade de Salamanca, antigo Médico dos Acampamentos & exércitos, do nobre corpo de Cadetes; Médico de S. M. a Imperatriz de Todas as Rússias, Sócio Honorário da Academia Real de S. Petersburgo, Membro da Academia Real de Lisboa, Correspondente Estrangeiro da Academia Real de Ciências de Paris & Sócio Estrangeiro da Sociedade Real de Medicina, nasceu em Penamacor, Portugal, em 7 de março de 1699, de Simão Nunes e Ana Nunes Ribeiro".

Morreu em Paris em 1783, seis anos antes de eclodir a Revolução Francesa. Foram 84 anos durante os quais os povos europeus viveram um dos períodos mais importantes e conturbados de sua história. Foi uma época que os próprios franceses denominaram de "Século das Luzes". Pensavam, assim, com esta denominação, distinguir, e opor, essa época à Idade Média, que chamavam de "época das trevas".

Mas o que distingue sobretudo Ribeiro Sanches é a clareza de suas ideias. Digo de suas ideias, pois o mesmo não se pode dizer de sua linguagem. Esta qualidade talvez lhe advenha do fato de que Ribeiro Sanches tem uma clara consciência histórica do que representam as suas propostas de mudanças para Portugal. Esta é uma característica muito comum entre os pensadores portugueses dessa época. Diferentemente dos pensadores ingleses que, de modo geral, consideram a nova época como aquela que corresponde à verdadeira natureza humana, os portugueses enxergam na transitoriedade algo mais seguro para se entender os fatos humanos. Vejamos o que diz, de forma brilhante, um economista político português,

escrevendo em 1795: "Os conhecimentos humanos nascem da experiência, e esta depende dos acontecimentos casuais, os quais tanto diversificam quanto vai durando o mundo; de sorte que até o fim dele, não-de ter os homens novos objectos em que estudar, e aprender".

É nesta linha de raciocínio que se situa o pensamento de Ribeiro Sanches. Categórico quanto a propor mudanças profundas para a sociedade portuguesa, por isso mesmo, ou seja, porque são mudanças, e não o estabelecimento do que é verdadeiro, é que R. Sanches nos mostra que a forma social que deve ser destruída correspondeu a necessidades que desapareceram ou que estão em vias de desaparecer. Mais do que, portanto, considerar verdadeiras as suas propostas, ele as considera necessárias. Este é o terreno em que se move a consciência histórica, e Ribeiro Sanches tem muito a nos ensinar a este respeito. Seus escritos merecem, sobretudo por isso, muita atenção.

Coerente com esse seu modo de ver os fenômenos humanos, Ribeiro Sanches brinda-nos, em suas *Cartas sobre a Educação da Mocidade*<sup>2</sup>, com uma excelente aula de história. Para que possamos entender o alcance de sua argumentação, ele nos transporta até o século V da nossa era, quando, segundo nos ensina, se implantou, em toda a Europa, a dependência do governo civil ao governo eclesiástico. Para que possamos seguir a lição de história de Ribeiro Sanches não precisamos de outros elementos além daqueles que ele próprio nos fornece. Não precisamos encher as nossas cabeças com nomes de governantes, de papas e datas. Isto porque, a sua exposição científica fundamenta-se em outros princípios. Partindo do esfacelamento do Império romano e do enfraquecimento das instituições civis, ele analisa como o poder eclesiástico foi tomando o seu lugar em todos os aspectos da vida. Saber o que a Igreja romana permitia e o que ela considerava um pecado tornou-se praticamente o código de vida de todas as populações europeias. As leis que daí emanaram converteram-se nos verdadeiros princípios do ensino que durou, soberano, durante dez séculos. Embora Ribeiro Sanches pudesse até admitir que um tal ensino coincidissem com as necessidades desse longo período histórico, como homem do século XVIII, como pensador que trabalhava para sacudir o velho entulho religioso que ainda pesava sobre os povos europeus, ele nega a sua validade, a sua utilidade diante das novas circunstâncias que se formaram naquele continente.

---

<sup>2</sup> Antonio Ribeiro Sanches, *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2003.

É da mudança nos rumos da história dos países europeus que se nutre o método científico de Ribeiro Sanches. Ele se estrutura a partir da condenação daquilo que prevaleceu no passado, que não mais se sustenta, mas que resiste a qualquer alteração. Por isso mesmo, Ribeiro Sanches não pode tratar a educação eclesiástica senão como um erro que se perpetuou.

É lícito perguntar por que, afinal de contas, se criou uma tal oposição entre um método de ensinar que já durava treze séculos e aquele que o Alvará<sup>3</sup> pretendia instituir?

Segundo Ribeiro Sanches, o método a ser instituído pelo Alvará régio deveria se prender à necessidade de criar novas bases para o trabalho. Duas palavras, aparentemente abstratas, *trabalho e indústria*, são o esteio dos argumentos de Ribeiro Sanches. No contexto de luta que se formou, tendo, de um lado, a ideologia religiosa como um dos contendores, e, do outro, grandes comerciantes, poderosos donos de manufaturas, enfim capitalistas já de grande porte, falar de *trabalho e indústria* não era algo nada abstrato. Era, ao contrário, o que havia de mais conflituoso no diálogo, se assim podemos nos expressar, que travavam as duas classes que pugnavam, uma, pela conservação do seu poder milenar, e a outra, pela sua eliminação e a constituição de uma outra forma de poder. Transportadas para este contexto de luta, aquelas palavras - velhas como a própria história do homem - valiam como um libelo condenatório contra a velha classe aristocrática. Por que? Esses são segredos que só a história é capaz de nos desvendar. Simplificando bem a questão, nos limites desta introdução, a aristocracia tinha se tornado, a partir do século XVI, uma classe que se confundia com os interesses que impediam a ampliação do comércio e a introdução de instrumentos que aumentassem os produtos do trabalho. Passou a ser identificada com a ociosidade e com a manutenção de privilégios.

Portanto, quando Ribeiro Sanches fala de trabalho, não é do fazer isto ou aquilo, mas de uma nova forma de relação social que imprima novos ritmos à produção. Ele se refere, sobretudo, ao trabalho diligente, por isso o termo indústria, que é capaz de criar uma nova dimensão para a riqueza produzida.

---

<sup>3</sup> Alvará Régio, de 28 de junho de 1759, sob a inspiração revolucionária do Marquês de Pombal, instituía os novos princípios educacionais.

E a educação, como deve ser, que princípios seguir? Que ela corresponda a este novo mundo da produção. Para tanto, ela deve se inspirar, não na nobreza, mas nos novos protagonistas que surgiram nos últimos tempos. A educação deve se pautar pelos interesses das forças sociais que lutam pela implantação de novas relações sociais.

Repetindo o que apontei mais acima, gostaria apenas de relembrar, ao findar essas rápidas considerações sobre o papel ativo de Ribeiro Sanchez, que sua proposta de uma nova forma de educação tem como propósito gigantesco criar, em suas próprias palavras, "novos homens".



<https://icgilbertoluizalves.com.br>